

A AMERICANIZAÇÃO EM *O CRUZEIRO* E *DER SPIEGEL* (1947-1952)

Kellen Bammann¹

Resumo: Este artigo trata sobre o processo de americanização na sociedade brasileira e na sociedade alemã entre os anos de 1947 e 1952. O processo de americanização é compreendido como o estudo da influência dos Estados Unidos nas práticas políticas, econômicas e culturais em outras sociedades. Dentro dessa perspectiva, o olhar atento a um grupo de indivíduos, reunido nos bastidores de dois periódicos, um brasileiro (*O Cruzeiro*) e outro alemão (*Der Spiegel*), proporcionou o caminho teórico-metodológico, que se revelou por meio do estudo dos “grupos de pressão”.

Palavras-chave: Americanização. *American way of life*. *O Cruzeiro*. *Der Spiegel*.

Abstract: This paper has as its main theme the process of insertion of American values at the Brazilian and German societies between 1947 and 1952. This process is understood as the study of the influence of the United States over the politics, economics and culture of foreign countries. Into that perspective, I focused on a selected group of individuals (*pressure group*) that pulled the strings at both publications, *O Cruzeiro* (Brazil) and *Der Spiegel* (Germany).

Keywords: Americanization. *American way of life*. *O Cruzeiro*. *Der Spiegel*.

Todo tema de pesquisa é uma escolha particular. O presente artigo é fruto da dissertação desenvolvida na área de pesquisa em História e estuda o processo de americanização na sociedade brasileira e na sociedade alemã, no período compreendido entre os anos de 1947 e 1952, por meio de dois periódicos, um brasileiro, *O Cruzeiro*, e outro alemão, *Der Spiegel*.

Nos cinco anos que vão do lançamento do Plano Marshall em 1947 ao fim da remessa de “ajuda” em 1952 inscreveu-se o que estudiosos denominaram de momento decisório da americanização dos países sob a “guarda americana”. A delimitação do objeto de análise obedeceu, portanto, aos anos de maior visibilidade da intensificação do processo de americanização. Entende-se por americanização o estudo da influência dos Estados Unidos nas práticas políticas, econômicas e culturais em outras sociedades. O interesse pelo processo de americanização busca compreender como sociedades distintas, brasileira e alemã, responderam

1 Mestre em História e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.
E-mail: kbammann@gmail.com

à influência dos Estados Unidos na nova ordem mundial do pós-guerra e como diferentes sujeitos históricos responderam aos estímulos do *American way of life*.

Em termos metodológicos, como fontes de pesquisa, as revistas possibilitaram revelar o posicionamento de um grupo de indivíduos – responsáveis pela publicação de periódicos de grande representação nacional – em relação às políticas estadunidenses e como a oferta do “sonho americano” encontrou eco e pôde prosperar no interior de configurações sociais complexas e díspares no período do pós-guerra. A opção por *O Cruzeiro* como fonte histórica justificou-se por sua ampla tiragem e elevada circulação em território nacional. O mesmo ocorreu com a escolha da revista *Der Spiegel*, na Alemanha Ocidental.

A escolha das duas revistas é reconhecida como fonte privilegiada para a análise histórica na medida em que constitui um registro impresso dos acontecimentos de uma época, sem descuidar, no entanto, de que acontecimentos e estruturas são ambos “constructos intelectuais, elaborações teóricas que o historiador produz e das quais se utiliza para conhecer a história” (MALERBA, 2011. p. 87). São as causas, as relações entre os acontecimentos, portanto, o que interessa ao historiador.

De acordo com Francisco Rüdiger, a comunicação faz parte do ser social do Homem, pelo qual ele se relaciona com o seu semelhante e elabora coletivamente seu universo de conhecimento. Significa que ela não é compreensível sem o Homem e precisa ser entendida como um princípio de sociabilidade dotado de fundamentos históricos que só podem ser explicados de maneira correta no contexto de uma teoria da sociedade (RÜDIGER, 1998, p. 33).

No interior de uma determinada sociedade é que Renée Barata Zicman sustenta que “a apresentação de notícias não é uma mera repetição de ocorrências e registros, [...] mas todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo o seu próprio ‘filtro’” (ZICMAN, 1985, p. 90-92)². Para Zicman, em uma análise que se apoie na imprensa como fonte histórica, é preciso levar em conta três campos: “atrás”, “dentro” e “em frente”. O “atrás” compreende tudo o que contribui para sua realização e intervém em seu controle: sociedade proprietária e o corpo de redatores e jornalistas. Por “dentro”, entende-se as características formais da publicação, organização e distribuição das sessões, estilo de apresentação das matérias, qualidade do papel, número de páginas, primeira capa, ilustrações e publicidades. Já, “em frente”, diz respeito à audiência da publicação, seu público leitor alvo.

2 De acordo com Zicman a imprensa no Brasil até 1945/50 caracterizava-se por pequenas empresas com capitais e negócios limitados e gestão improvisada, primando por posições políticas: o que se costumava chamar de *Imprensa de Opinião*. Por sua vez, na década de 1950, observa-se a substituição por um tipo de *Imprensa de Informação*, que nega as características políticas e ideológicas marcantes no período anterior. Observa-se o surgimento de um tom sensacionalista e o início da concentração das empresas jornalísticas em conglomerados, provocando o desaparecimento dos pequenos jornais políticos. A partir da década de 1980, observa-se o desenvolvimento do *Jornalismo de Interpretação*, que busca apresentar uma síntese de informação detalhada com análise crítica.

Márcia Janete Espig corrobora Zicman ao assinalar as qualidades dos periódicos para a pesquisa histórica e escrita da História (ESPIG, 1998, p. 271). Aponta-os como verdadeiros arquivos do cotidiano, nos quais é possível acompanhar a memória do dia a dia, inserindo o acontecimento histórico em um contexto mais amplo. Nesse sentido, a dissertação desenvolvida buscou desvendar os interesses dos grupos de pressão nos bastidores dos periódicos analisados, procurando compreender de que forma estes grupos influenciaram o conteúdo impresso em suas folhas, sem esquecer seu entrecruzamento bibliográfico (ESPIG, 1998).

No entanto, como sustenta Cláudio Pereira Elmir, é também preciso estar atento para o fato de que o pesquisador não é o leitor modelo do jornal, para quem o discurso do periódico se dirige e, sim, leitor empírico que lê as matérias (ELMIR, 1995). Assim, para a correta interpretação é fundamental observar a regularidade, as repetições em um grande número de reportagens.

A pesquisa privilegiou, portanto, a análise completa de todos os meses dos cinco anos de ambos os periódicos e tomou como fundamental a elaboração do contexto político, econômico, social e cultural dentro do qual os documentos analisados emergiram. Na constituição do corpo documental foram analisadas todas as sessões de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel*, respectivamente, obedecendo, assim, à estratégia de continuidade e equilíbrio.

O desenvolvimento de uma abordagem comparativa entre o processo de americanização no Brasil e na Alemanha impactou as variáveis pesquisadas que, por sua vez, impactaram sobre as respostas. Um modo específico de pensar a história capaz de dar respostas originais a indagações pensadas sob a óptica indissociável entre teoria e metodologia se fez necessário.

De acordo com Marc Bloch, a comparação tem duas funções importantes: estudar e compreender os aspectos específicos e gerais de cada fenômeno, mas também de ajudar a compreender as causas e as origens dos fenômenos (BLOCH, 1998). Ao longo do exercício de comparação, foi possível compreender similitudes e diferenças no processo de americanização no Brasil e na Alemanha, expondo, assim, os interesses específicos que levaram cada grupo de pressão a “se americanizar” (MAASE, 2005).

A partir da perspectiva de um trabalho histórico, no qual teoria e metodologia são indissociáveis, se pode compreender que as fontes primárias escolhidas não são provas em si mesmas, mas construídas teoricamente. De acordo com Pierre Bourdieu, não há oposição entre teoria e metodologia, pois as opções técnicas/empíricas são inseparáveis das opções teóricas de construção do objeto. Assim, é em função da construção do objeto que o método se impõe. É em função de uma teoria/hipótese que um dado pode funcionar como evidência (BOURDIEU, 2003).

Dentro dessa perspectiva, o olhar atento a um grupo de indivíduos, reunido nos bastidores de dois periódicos, um brasileiro, *O Cruzeiro*, e outro alemão, *Der Spiegel*, proporciona o caminho teórico-metodológico que se revelou por meio do estudo dos “grupos de pressão” compreendidos como um conjunto de indivíduos socialmente ativo no interior de uma configuração social historicamente

determinada, com interesses e objetivos em comum. A opção pelo conceito grupo de pressão foi antes de tudo uma solução, uma chave metodológica para perscrutar a complexidade de um universo social e histórico determinado.

A obra de Norbert Elias é referência no que se refere ao conceito de “grupo de pressão”. Para o autor, as relações entre unidades ou grupos sociais são, em realidade, as relações de força que ligam e opõem e, dessa forma, inscrevem indivíduos em uma estrutura hierarquizada que pressupõe um campo de forças de tensão, equilíbrio e competição³. Neste sentido, a concepção de Elias se aproxima muito do conceito de “campo” de Pierre Bourdieu, o qual traduz a ideia de um espaço estruturado de posições onde se desenvolvem as relações de luta. A mesma concepção relacional e estrutural do social está presente em ambos os autores.⁴

Dessa postura decorreu uma série de implicações teóricas, pressupostos sobre o fazer histórico que nortearam a conduta da pesquisa e na sua explanação, com consequências no plano da interpretação e da narrativa. Se as questões colocadas fossem outras, provavelmente, as respostas seriam, também, outras.

No Brasil, as discussões historiográficas enfatizam, sobretudo, o viés econômico de dependência das relações entre o país e seu principal mercado consumidor, os Estados Unidos. Tais estudos, embora relevantes, não levam em conta o quão intimamente esse objeto se entrelaça a uma segunda ordem de transformação, a qual se operou no interior da sociedade brasileira.

Como afirma Antônio Pedro Tota, os estudos sobre a americanização no Brasil, em sua maioria, são associados à sua própria modernização e se dividem em duas correntes. Ora o fenômeno é interpretado como um grande perigo destruidor da nossa cultura, influenciando-a negativamente; ora, de forma oposta, é visto como uma força capaz de tirar o país de uma letargia cultural e econômica, modernizando a sociedade brasileira (TOTA, 2000). A partir da análise das obras que se debruçam sobre o processo de americanização no Brasil se pode inferir que os estudos tradicionais partem da perspectiva da dependência cultural do Brasil à economia estadunidense. Tais estudos sustentam, portanto, que o *American way of life* foi imposto pelos Estados Unidos interessados em explorar economicamente

3 A obra de Norbert Elias permite pensar historicamente a partir de suas categorias de análise. Sua conceituação encontra-se dispersa ao longo de sua obra, diferente de pensadores como Pierre Bourdieu que exaustivamente define o uso de seus conceitos em cada estudo. Uma bibliografia sobre o tema encontra-se em Malerba (1996. p. 73-92).

4 O historiador Jurandir Malerba apresenta uma discussão entre os usos dos preceitos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias nos desafios do trabalho histórico em dois momentos: MALERBA, (2000) e (2001, p. 155-76) respectivamente.

a região. Esta interpretação levou historiadores a defenderem a tese do descaso estadunidense com a região.⁵

Entende-se, contudo, que no término da Segunda Guerra Mundial o processo de americanização no Brasil ganhou fôlego. Período em que, a ideia do progresso técnico e material associado ao modo de vida americano galgou maior espaço nos meios de comunicação. Tal espaço foi conquistado por meio do favorecimento de importações de bens de consumo, da entrada de empréstimos e, da emissão de remessas de lucros para o exterior. De acordo com Amado Cervo, o governo Dutra atrelou-se ao desenvolvimento liberal associado, facilitou a entrada de capital estrangeiro, relaxou o controle de remessa de lucros e queimou as nossas divisas acumuladas durante a Guerra sem alcançar os nossos desejos de industrialização⁶. Com o fim do financiamento das agências, os veículos de comunicação passaram a atuar orientados pelo mercado concorrendo entre si. Momento em que foi possível identificar o crescimento da oferta de produtos *Made in USA* associado à exaltação do modo de vida americano nas páginas do semanário analisado, *O Cruzeiro*.

Traçar, contudo, um perfil da revista *O Cruzeiro* foi necessário para compreender as motivações que levaram o grupo de pressão responsável pela edição e publicação da revista a adotar um posicionamento pró-americano.

A revista *O Cruzeiro* é reconhecida como a principal revista ilustrada brasileira do século XX⁷. Foi fundada por Carlos Malheiro Dias e patrocinada pelos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand⁸. Seu primeiro volume publicado tem como data de capa 10 de novembro de 1928.

5 Sobre a tese do “descaso” e “negligência” dos Estados Unidos com a região da América Latina ver: PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos**: continuidade ou mudança?. 2. ed. ampl. atual. Porto Alegre: UFRGS, 2005; CERVO, 1994. Cabe salientar que, autores norte-americanos como Gerald Haines e Thomas O’Brian concordam com as perspectivas brasileiras. Ver: HAINES, Gerald K. **The Americanization of Brazil**: a study of U.S. cold war diplomacy in The Third World (1945-1954). Scholarly Resources Inc.: WILMINGTON, 1989; O’BRIAN, Thomas. **Making the Americas**: The United States and Latin America from age of revolutions to the era of globalization. New México: University of New México Press, 2007.

6 AMADO, Luiz Cervo. **O desafio internacional**: a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1994, p. 33-35.

7 Sobre a revista *O Cruzeiro* ver: CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras Criadas**. São Paulo: Senac, 2001; NETTO, Accioly. **O Império de Papel**: Os bastidores de *O Cruzeiro*. São Paulo: Sulina, 1998.

8 Sobre Assis Chateaubriand ver: CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro**: historia dos Diário Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999; MORAES, Fernando. **Chatô, Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Entre 1940 e 1950, *O Cruzeiro* foi o periódico de maior circulação do país chegando a atingir 205.000 exemplares⁹, ainda no primeiro semestre de 1947, e 750.000 exemplares (MEYRER, 2007, p. 32) na metade dos anos 1950. De acordo com Accioly Netto, “cada exemplar era lido por cinco pessoas, o que elevaria o número de leitores para 4.000.000, num país de 50.000.000 de habitantes, transformando-se na publicação de maior circulação do país” (MEYRER, 2007, p. 32).

Em meados de 1940, adotou um novo estilo e diagramação. A mudança editorial inspirou-se nas revistas internacionais *Life*, *Look*, *Stern* e *Paris Match*. A impressão em papel de alta qualidade possibilitou a adoção de uma maior definição gráfica e nitidez. O uso da rotogravura, característica marcante na produção do periódico, permitiu uma melhor associação entre o texto e a imagem. A grande reportagem dinamizou sua linha editorial, com temas inéditos e fotos de página inteira. As fotorreportagens consolidaram o trabalho em dupla de repórteres e fotógrafos. Entre as duplas de destaque, figurou a composta por David Nasser e Jean Manzon que assinaram reportagens de grande repercussão. De acordo com Glauco Carneiro, *O Cruzeiro* trouxe ao profissional do jornalismo valorização e *status*, quando as duplas, repórter e fotógrafo, passaram a assinar as matérias que produziam (CARNEIRO, 1999. p. 334).

Apesar da vocação para as grandes reportagens, *O Cruzeiro* contava também com a participação de intelectuais, políticos e personalidades públicas como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Austregésilo de Athayde e Rachel de Queiróz que contribuíram para qualificar o semanário. Além de nomes reconhecidos, o periódico mantinha correspondentes nas principais cidades do mundo, “em Roma, Madrid, Lisboa, Nova Iorque, Berlim, Paris e Londres” (MEYRER, 2007, p. 31). Pode-se afirmar que *O Cruzeiro* reunia em suas páginas a elite do jornalismo brasileiro.

O Cruzeiro desfrutou entre 1940 e 1950 sua época áurea. Segundo Juarez Bahia, nesses anos, a revista já havia superado concorrentes como *O Malho*, *Paratodos*, *Vida Doméstica* e *Careta* desfrutando posição de absoluto predomínio (BAHIA, 1990. p. 400).

Composta de variadas seções, editadas semanalmente, a revista era repleta de artigos e reportagens assinadas por múltiplos repórteres e ensaístas que, reunidos em cem páginas, constituíam um todo. Um todo não uniforme, mas formado por diferentes posicionamentos e diversas opiniões, comportamento característico dos “grupos de pressão”¹⁰. Entende-se por “grupo de pressão” um conjunto de

9 Tiragem pela qual a revista *O Cruzeiro* se responsabilizou entre janeiro de 1947 e 1949. A revista garantia também a distribuição para Portugal e suas Colônias, preço da assinatura anual com valor de CR\$ 170, 00. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 01 mar. 1947.

10 O conceito *pressure group* aplicado por Norbert Elias (ELIAS, 2006), encontra equivalência na expressão “grupo de pressão” em português. Em português, a expressão grupo de pressão tem por sinônimo grupo de interesse.

indivíduos socialmente ativos, com interesses e objetivos em comum que, devido às diferenças na extensão da margem de decisão de cada indivíduo, não representa uma camada de comportamento homogêneo.

De acordo com Norbert Elias, permanecem ligados a outros indivíduos por laços invisíveis, sejam estes de trabalho e propriedade, ou seja, de instintos e afetos (ELIAS, 1994. p. 22). Em uma sociedade complexa, os indivíduos aparecem dispostos em redes de interdependência. Estas são compostas por um tecido de relações móveis, nas quais cada indivíduo possui múltiplas ligações funcionais com outros. Nestas redes a margem da decisão individual que é acessível a cada um depende diretamente da estrutura da sociedade em que vive e age. Toda margem individual de decisão é sempre limitada, mas é também muito variável em sua natureza e extensão, dependendo dos instrumentos de poder controlados por cada indivíduo. Para Elias, aquilo que chamamos de poder, não passa, na verdade, de uma expressão um tanto rígida e indiferenciada para designar a extensão especial da margem individual de ação associada a certas posições sociais, expressão designativa de uma oportunidade social particularmente ampla de influenciar a autorregulação e o destino de outras pessoas (ELIAS, 1994. p. 50).

Uma sociedade é um sistema de pressões exercidas por pessoas vivas sobre pessoas vivas. Ao analisarmos a estrutura que envolve a rede de interdependências de uma determinada sociedade, grupo ou família, é possível verificar certa ordem invisível, que oferece a cada indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis. Nesse sentido, ainda para Elias, ao observarmos a longa duração do curso da história, veremos que o padrão de comportamento humano e nossa configuração psicológica, certamente, não foi pretendido por uma pessoa em particular.

Desse modo, os editores, diretores, presidentes, proprietários, colaboradores, repórteres e correspondentes de *O Cruzeiro* são compreendidos como um grupo de pressão, na medida em que reunidos em um corpo editorial único, foram responsáveis por marcar suas opiniões ao longo da publicação.

O Cruzeiro publicou em suas páginas, entre janeiro de 1947 e dezembro de 1952, reportagens de opinião ligadas ao contexto histórico da Guerra Fria. Entre os temas destacados aparecem, no plano externo, a discussão sobre a bipolarização do Globo e a discussão relacionada às pretensões hegemônicas da União Soviética. Na esfera da política interna, aparecem reportagens que se referem ao perigo da “subversão” comunista nos centros urbanos brasileiros e a aproximação dos interesses brasileiros aos estadunidenses. Em sintonia com as transformações sociais das turbulentas décadas do pós-guerra, *O Cruzeiro* publicou novos comportamentos sociais e foi veículo da divulgação da modernização no Brasil. Os artigos publicados evidenciavam opiniões de distintos indivíduos. Os vários colaboradores emprestaram às páginas da revista seus conhecimentos e posições, de acordo com o discurso em que se inseriam. As páginas de *O Cruzeiro* transformaram-se em lugar de debate entre indivíduos plurais. O tom pessoal veiculado em suas matérias evidenciava disputas de poder no interior do grupo de pressão.

De acordo com Elias, em cada país, a pluralidade das diferentes opiniões está sujeita a uma base comum (ELIAS, 2006). Dizer que existem apenas opiniões individuais é uma ilusão que só pode ser mantida quando não se tem consciência destas evidências. Esta base comum, subentendida e com matizes variados, que fundamenta as diferentes opiniões no interior de um mesmo país, está ligada à existência de algo como um “nós-ideal”.¹¹

Concluiu-se, assim, que editores e colaboradores de *O Cruzeiro* constituem um grupo de pressão não homogêneo, mas com uma base comum, responsável pela busca de uma relativa uniformização de comportamento e de formação de opinião. É possível, portanto, constatar a existência de uma “posição” de *O Cruzeiro* a respeito das questões de política externa e interna do país e de identificação com o modo de vida americano.

Nos anos que estendem-se entre o fim da Segunda Guerra Mundial e os primeiros anos da década de 1950, o Brasil parecia estar próximo de tornar-se um país desenvolvido. A revista brasileira *O Cruzeiro* noticiou em suas páginas a atmosfera de otimismo do cenário internacional diante da perspectiva de paz a partir da derrota da Alemanha nazista. De acordo com João Manuel de Melo e Fernando Novais, no Brasil, nos anos do pós-guerra, alguns imaginavam estarem assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços que nos singularizavam como povo por meio da nossa cordialidade, criatividade e tolerância (NOVAIS; MELLO, 1998. p. 560). Os momentos decisivos do processo de industrialização, as migrações internas e a crescente urbanização das cidades afixavam o otimismo.

Nesse clima de euforia, foi anunciada, nas páginas de *O Cruzeiro*, a transformação do Brasil em uma nação “moderna”. O país parecia caminhar a passos largos em direção ao progresso. Desenvolvimento e industrialização passaram a ser sinônimos. O ideal de transformação da sociedade brasileira, por meio da industrialização planejada pelo Estado como forma de superação do subdesenvolvimento, parecia consolidar-se.

Reafirmando a imagem de um país em vias de desenvolvimento, *O Cruzeiro* divulgou a construção de estradas de rodagem por todo o território brasileiro. A nova autoestrada Rio-São Paulo foi exaltada como o “orgulho da engenharia nacional”¹². A aquisição de um automóvel era a garantia do ingresso na vida moderna. Na esteira das matérias publicadas pela revista, as peças publicitárias qualificaram as reportagens sobre a compra do carro do ano, “o seu Chevrolet!”¹³

11 De acordo Elias: “algo que alguém como alemão, francês, italiano e inglês gostaria de ser ou não gostaria de ser, de fazer ou de não fazer; uma exigência que alguém coloca para si e para o outro como inglês, francês, italiano ou alemão” (ELIAS, 2006, p. 119).

12 *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 47, 15 jan. 1949.

13 *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 40, 16 jun. 1949.

A ampliação do mercado interno alavancou novos padrões de consumo e as maravilhas do mundo moderno foram anunciadas nas peças publicitárias do periódico. Os eletrodomésticos, a geladeira, a máquina de lavar roupa, o rádio transistorizado, o liquidificador e a batedeira proporcionaram uma revolução da vida doméstica. Novas tecnologias de armazenamento possibilitaram o consumo de alimentos industrializados: as latas de salsicha, a presuntada, o leite condensado e o leite em pó. A indústria farmacêutica e de produtos de beleza, por sua vez, ampliaram as possibilidades de bem-estar e beleza. Assim, aos consumidores brasileiros foi proporcionado o acesso aos produtos utilizados pelas estrelas de Hollywood. Um padrão de beleza internacional, ancorado na imagem das atrizes cinematográficas, foi divulgado nas páginas do semanário. A adoção do *American way of life* a partir do consumo de bens industrializados proclamou, nas páginas de *O Cruzeiro*, a possibilidade da chegada do Brasil ao patamar de país desenvolvido.

As reportagens fotográficas estamparam os arranha-céus como ícones de progresso. Associados ao intenso processo de urbanização, apareceram os movimentos de migração interna, como reflexo do deslocamento de famílias do campo para as cidades em busca de melhores condições de vida.

O Cruzeiro anunciou a caminhada do país em direção à superação da pobreza. Os Estados Unidos, prósperos e modernos, representando a única economia que saíra fortalecida dos dois conflitos mundiais, apareceram nas páginas do periódico como modelo de sociedade de sucesso a ser perseguido. *O Cruzeiro* estampou o aliado do norte em diversas matérias publicadas e ao mesmo tempo enalteceu a história de amizade entre o Brasil e os Estados Unidos. Por meio da análise das matérias no periódico, se verificou-se a existência de um posicionamento de *O Cruzeiro* em apoio às políticas estadunidenses ao redor do Globo, bem como, a divulgação do *American way of life* no Brasil.

Neste sentido, pode-se evidenciar que o grupo de interesse responsável por *O Cruzeiro*, por meio da reprodução do discurso de contenção do comunismo, inseriu-se na órbita de influência estadunidense. Tal posicionamento procurou afirmar a defesa dos preceitos democráticos do periódico e, assim, justificar o envio de “ajuda” econômica. O posicionamento do grupo de pressão foi, portanto, pautado no reconhecimento dos Estados Unidos como único credor do pós-guerra capaz de prover o desenvolvimento brasileiro perseguido nas páginas de *O Cruzeiro*. Diante do desejo de justificar a chegada de um pequeno Plano Marshall para a América Latina, o magazine reafirmou a “leal” e “histórica” amizade entre os dois países e o seu desejo de bloquear uma suposta ameaça de insurreição comunista no Brasil. Ao publicar o modo de vida americano, divulgou a reprodução em território nacional da democracia capitalista estadunidense e, assim, proclamou a chegada de uma “nova civilização nos trópicos”.

Na Alemanha a revista *Der Spiegel* é reconhecida como a principal revista alemã do século XX. O magazine da editora de Rudolf Augstein teve seu primeiro exemplar publicado em quatro de janeiro de 1947, na cidade de Hanover, norte da Alemanha, na parte Ocidental.

Seu lançamento, em 1947, atingiu 15.000 cópias, cresceu até as 65.000 no ano seguinte e 437.000 em 1961. De acordo com *Der Spiegel*, se cada exemplar era lido por 7,5 pessoas, sem contar os exemplares de clubes e bibliotecas, passava a ser reconhecido como o principal magazine ilustrado do país¹⁴. Nos anos setenta alcançou as 900.000 cópias. Superou a barreira de um milhão de exemplares nos anos noventa. Atualmente, é o magazine de notícias de maior relevância na Alemanha.¹⁵

Nos anos pesquisados, entre 1947 e 1952, a revista passou por uma série de modificações. Nasceu inspirada na revista estadunidense *Time*, mas a baixa qualidade do papel e da impressão disponíveis na Alemanha do pós-guerra comprometeu sua diagramação. Fotos de qualidade e peças publicitárias elaboradas ganharam fôlego somente na metade da década de 1950. Importante ressaltar que as matérias e reportagens publicadas nas páginas do periódico não são assinadas. No entanto, a ausência de assinatura não foi prática exclusiva de *Der Spiegel*. Até a década de 1970, era comum os periódicos europeus não levarem a assinatura dos jornalistas e editores responsáveis pelas matérias. A equipe de jornalistas, editores, repórteres, diretores, entre outros, era reconhecida como um grupo. Toda e qualquer reportagem representava não o posicionamento de um indivíduo em especial, mas de toda uma equipe. Cada reportagem de *Der Spiegel* representou, portanto, o posicionamento do periódico.

Entre o ano de lançamento do Plano Marshall, em 1947, e seu encerramento, em 1952, *Der Spiegel* editou e publicou reportagens em consonância com o discurso estadunidense de Guerra Fria. Divulgou as políticas dos Estados Unidos para a Alemanha ocupada e anunciou o modo de vida americano como o caminho de “tijolos dourados” para sua reconstrução.

Acompanhando o discurso estadunidense de bipolarização, *Der Spiegel* consolidou Washington como o novo centro de poder do mundo do pós-guerra e os Estados Unidos como principal credor e planejador da nova ordem mundial. Washington foi, assim, perfilhado nas páginas do periódico como o novo centro de poder econômico ao assumir “a posição da Inglaterra como a principal nação credora do mundo”¹⁶. Seus produtos foram anunciados como artigos de consumo desejados. A imagem dos Estados Unidos diligentes da prosperidade entre os povos foi associada, sucessivamente, à qualidade de seus bens de consumo, como se cada caixa *made in USA* estivesse recheada com a receita estadunidense de sucesso. A escolha por um produto *Colgate* representou em suas páginas a escolha por um estilo de vida. O grupo de pressão responsável por *Der Spiegel* reconheceu as políticas estadunidenses como uma via de mão dupla, na qual os aliados precisavam de dólares americanos e os dólares precisavam das economias aliadas.

14 *Der Spiegel*, Hannover, n. 22, p. 16-7, 29 mai. 1948.

15 *Der Spiegel*. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/spiegel/>>. Acesso em: 08 mar. 2011.

16 *Der Spiegel*, Alemanha, n. 12, p. 14, 22 mar. 1947.

Entretanto, a imagem dos Estados Unidos como benevolente, produtor de políticas desinteressadas é descartada. Na análise das reportagens, constatou-se que o apoio do grupo de pressão na divulgação da política estadunidense na Alemanha Ocidental parte não da imposição, mas da identificação com esses princípios.

O desejo de uma política efetiva dos Estados Unidos na Alemanha, capaz de reverter o caos social e frear o suposto avanço dos ideais comunistas na Alemanha foi reproduzido em suas páginas a fim de justificar o recebimento da Ajuda Marshall para reconstrução do país. Por meio da análise das reportagens publicadas em *Der Spiegel*, é possível inferir que a posição pró-americana, defendida pelo grupo de pressão responsável pela edição e publicação do periódico, esteve vinculada à divulgação do modo de vida americano. Ao lado das matérias sobre a boa política dos Estados Unidos, Hollywood foi reconhecida como a produtora mundial do modelo de beleza a ser perseguido pela sociedade alemã.

Em síntese, quando os Estados Unidos emergiram vitoriosos dos dois conflitos mundiais, as páginas de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* reconheceram o *American way of life* e o *American model of democracy* como os modelos de sociedade a serem perseguidos.

A partir da análise dos periódicos, pode-se inferir que a narrativa historiográfica tradicional, responsável por dividir o mundo entre um Ocidente, democrático, capitalista e cristão *versus* um Oriente, autoritário, comunista e ateu foi exposta nas páginas dos semanários analisados. Em congruência com tais análises, os grupos de pressão defenderam sua aproximação com o mundo Ocidental e, assim, seu alinhamento aos Estados Unidos, reconhecidos como líderes e credores da nova ordem mundial do pós-guerra.

A identificação com os valores de liberdade, democracia e economia de mercado são os responsáveis por consolidar a visão positiva do modo de vida americano. Importa salientar que o Brasil e a Alemanha como partidários do sistema ocidental facilitaram a produção de expectativas congruentes de desenvolvimento. Desta forma, pode-se afirmar que o progresso da cultura pró-americana nos anos pesquisados não foi o resultado de uma deliberada política de americanização imposta pelos grupos de pressão, mas de tendências de “evolução” entre o Brasil e a Alemanha enquanto parte de um mundo Ocidental.

A partir da análise das reportagens publicadas em *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* verificou-se, portanto, que os grupos de pressão responsáveis pela edição e publicação dos semanários, por meio da reprodução do discurso de contenção do comunismo, afirmaram-se na órbita de influência estadunidense durante os anos iniciais da Guerra Fria. Ao divulgarem a ameaça de subversão comunista nos seus países, defenderam a intervenção econômica aliada. Ao anunciarem o modo de vida americano, perseguiram o “sonho americano”.

Por sua vez, os motivos que levaram os grupos de pressão de *O Cruzeiro* e *Der Spiegel* a defender um posicionamento pró-americano surgiu a partir de seus interesses relacionados às “realidades” nacionais.

Em *O Cruzeiro*, tal posicionamento obedeceu ao desejo de modernização e progresso material da sociedade brasileira. Assim, os Estados Unidos foram reconhecidos como os únicos credores do pós-guerra e modelo de sociedade democrática e capitalista de sucesso. O grupo de pressão responsável por *O Cruzeiro* diante da promessa de ajuda econômica estadunidense via Ponto IV da Doutrina Truman, lançado em 1947, encontrou o caminho para promover o desenvolvimento do Brasil nos moldes anunciados nas páginas do periódico. Assim, reafirmou sua proximidade histórica e amizade aos Estados Unidos. Identificou a sociedade estadunidense como o modelo da “nova civilização nos trópicos” que surgiu em sua páginas.

Contudo, com o passar dos anos, as expectativas brasileiras de remessa de ajuda estadunidense foi frustrada pelo fato de os Estados Unidos estarem mais interessados na reconstrução das economias capitalistas arrasadas pela guerra na Europa e no Japão. Na nova ordem mundial, o papel do Brasil foi o de ajudar na reconstrução europeia por meio da “aquisição de mercadorias na Europa no valor de 1 bilhão de dólares entre 1948 e 1951”¹⁷, e como exportador de matérias primas estratégicas para sua recuperação. Tal papel, frustrou os governos latino-americanos e motivou historiadores e intelectuais das décadas do pós-guerra a acusarem os Estados Unidos de negligenciarem o país e a região da América Latina, reservando a estes o papel de exportador de matérias-primas e mercado para os produtos americanos e europeus.

Desta forma, apesar do real apelo do *American way of life*, os Estados Unidos em parte fracassaram em tirar proveito dos benefícios do comportamento pró-americano da região nos anos entre 1947-1952. Assim como, a ausência de um programa de ajuda nos moldes de um pequeno Plano Marshall para a América Latina poderia ter diminuído o sentimento antiamericano dos estudos brasileiros das décadas seguintes.

Por sua vez, na Alemanha o desejo de reconstruir a economia via Plano Marshall e a democracia depois de anos de regime autoritário fez com que os Estados Unidos fossem identificados como o modelo de sociedade a ser perseguido. O grupo responsável por *Der Spiegel* anunciou a “ajuda” estadunidense, via Plano Marshall, como saída para a recuperação econômica e social dos anos de guerra. A chegada da vida na velocidade americana, *Amerikanische Tempo*, foi noticiada como despedida da era de censura e sofrimento dos anos de guerra nacional socialista. A sociedade alemã, então, ávida por *entretenimento evasivo*, visava à superação dos amargos anos vivenciados e marcados pelo silêncio imposto a toda manifestação do espírito.

Desse modo, o discurso do presidente Truman, no qual o futuro dos Estados Unidos dependia da recuperação alemã, bem como a recuperação alemã dependia dos Estados Unidos foi anunciado em *Der Spiegel*. A partir desta perspectiva é que se pode compreender os motivos que levaram os historiadores alemães do pós-guerra a sustentar que a Alemanha não foi americanizada, mas “se americanizou”.

17 *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 38, 13 mar. 1948.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Luiz Cervo. **O desafio internacional: a política exterior do Brasil de 1930 a nossos dias**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1994.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.
- BLOCH, Marc. “Para uma história comparada das sociedades europeias”. In: **História e Historiadores**. Textos reunidos por Étinne Bloch. Lisboa: Teorema, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Edições Sociedade Unipessoal LTD, 2003.
- CARNEIRO, Glauco. **Brasil, Primeiro: história dos Diário Associados**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. **Escritos & Ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ELMIR, Cláudio Perreira. “Armadilhas do Jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica”. In: **Cadernos PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, n. 13, dezembro de 1995.
- ESPIG, Márcia Janete. “O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do contestado.” In: **Estudos Ibero-americanos**. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 271, dez. 1998.
- MAASE, Kaspar. “From Nightmare to Model? Why German Broadcasting Became Americanized.” In: STEPHAN, Alexander. **Americanization and anti-Americanism: the German encounter whit American culture after 1945**. Berghahn Books: Oxford, 2005.
- MALERBA, Jurandir. “Acontecimentos: definições e propriedades”. In: **Ensaio: teoria, história & ciências sociais**. Londrina: Eduel: 2011.
- MEYRER, Marlise Regina. **Representações do Desenvolvimento nas Fotorreportagens da Revista O Cruzeiro (1955-1957)**. Tese apresentada ao PPGH, PUCRS, 2007.
- NOVAIS, Fernando; MELLO, João Manuel Cardoso de. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna.” In: **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 560.
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Introdução à Teoria da Comunicação**. São Paulo: EDICON, 1998. p. 33.
- TOTA, Pedro Antônio. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- ZICMAN, Renée Barata. “História através da imprensa: algumas considerações metodológicas”. In: **Revista do Programa de Pós-Graduados em História/PUCSP**, São Paulo, PUCSP, n. 4, 1985.